

Dimensão Comunicacional em Práticas Culturais nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em Mato Grosso, Brasil

Gibran Luis Lachowski

Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cidade (Citicom-UFMT/CNPq), docente da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)/campus Tangará da Serra e coordenador do Curso de Jornalismo da mesma instituição. Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela UFMT. ORCID: 0000-0002-6649-1020. E-mail: gibran.luis@unemat.br.

Yuji Gushiken

Docente do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO-UFMT) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Política da Universidade Federal do Amapá (PPCult-UNIFAP). Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cidade (Citicom-UFMT/CNPq). Graduação em Comunicação Social: Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e em Relações Públicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM-UFC). ORCID: 0000-0002-6620-3375. E-mail: yuji.gushiken@ufmt.br.

Resumo: Práticas culturais, como práticas de produção de sentido e de vinculação social, evidenciam a dimensão comunicacional no cotidiano das comunidades eclesiais de base (CEBs) em Mato Grosso, na região Centro-Oeste do Brasil. No modelo de estudos da comunicação como cultura, que considera a comunicação como estrutura de linguagem e como processo social, o objetivo central é compreender as expressividades nas atividades desenvolvidas por praticantes religiosos no âmbito comunitário das CEBs, que corresponde a um modo de ser cristão existente principalmente no catolicismo. Trata-se de um estudo qualitativo, com procedimento interpretativo do tipo indutivo-dedutivo, na interface entre comunicação e cultura, notadamente com a Antropologia Cultural, fazendo uso de etnografia multissituada associada à autoetnografia, por meio de observação participante com anotações de caderno de campo e registros fotográficos.

Palavras-chave: comunicação; práticas culturais; CEBs; Mato Grosso.

Communicational dimension in cultural practices in Base Ecclesiastical Communities (CEBs) in Mato Grosso, Brazil

Abstract: Cultural practices, such as meaning production and social bonding, highlight the communicational dimension in the daily life of base ecclesiastical communities (CEBs) in Mato Grosso, a state in Midwest Brazil. The communication as culture study model considers communication as a language structure and a social process and mainly aims to understand the expressiveness in the activities carried out by religious practitioners within the community scope of the CEBs, which corresponds to an existing Christian way of being (especially in Catholicism). This qualitative, inductive-deductive, and interpretative study lies at the interface between communication and culture (notably cultural anthropology), using multi-sited ethnography associated with autoethnography, promoting participant observation with field notebook notes and photographic records.

Keywords: communication; cultural practices; CEBs; Mato Grosso.

Dimensión comunicacional en las practicas culturales en Comunidades Eclesiásticas de Base (CEB) en Mato Grosso, Brasil

Resumen: Las prácticas culturales como las prácticas de producción de significado y vinculación social resaltan la dimensión comunicacional en la vida cotidiana de las Comunidades Eclesiásticas de Base (CEB) en Mato Grosso, un estado de la región Centro-Oeste de Brasil. A partir del modelo de estudio de la comunicación como cultura, que considera la comunicación como estructura del lenguaje y como proceso social, este estudio pretende comprender la expresividad en las actividades realizadas por los practicantes religiosos en el ámbito comunitario de las CEB, lo que corresponde a un modo de ser cristiano, especialmente en el catolicismo. Se trata de un estudio cualitativo, con procedimiento interpretativo inductivo-deductivo, en la interfaz entre la comunicación y la cultura, particularmente con la Antropología Cultural haciendo uso de la etnografía multilocal asociada a la autoetnografía mediante la observación participante con notas de campo y registros fotográficos.

Palabras clave: comunicación; practicas culturales; CEB; Mato Grosso

Introdução

No amplo campo das ciências sociais e humanas, o exercício da religiosidade, como tema de pesquisa e questão acadêmica, comumente ganha centralidade temática a partir de áreas disciplinares instituídas, umas mais, outras menos, conforme suas nuances, como teologia, ciências da religião, sociologia, antropologia e ciência política. Buscamos compreender a questão na perspectiva do campo da comunicação, associada à área interdisciplinar, mas optando por uma abordagem não midiática, que, conforme pretendemos argumentar, pode contribuir para adicionar um caminho de leitura e interpretação da religiosidade como questão na interface entre comunicação e cultura.

Assim, entendemos, abre-se caminho para uma discussão que ressalta a dimensão da comunicação quanto à prática religiosa naquilo que o comunicacional apresenta, simultaneamente, de mais específico e amplo, aquém e além do modernamente midiático e hegemônico como abordagem acadêmica, ou seja, os atributos concernentes à convivência e à coexistência humanas, o que se viabiliza principalmente pelo artesanato das relações interpessoais, nas suas múltiplas possibilidades.

Nesse sentido, compreendemos também, valoriza-se a centralidade do fazer humano, efetivado pela presença corporal em contextos concretos de coletividade, a produção de um contexto social que é também comunicacional, seja numa roda de conversa, num momento de oração, numa dinâmica de entrosamento ou no silêncio da meditação conjunta.

Considerar e pensar a comunicação nessa perspectiva subentende, ainda, problematizar o que se vislumbra como história, progresso, avanço, melhora das condições de vida etc., ressignificando ou mesmo revitalizando o sentido da tradição, do arcaico, do artesanal, daquilo que se tem à mão, “ao alcance de todos”, perante um entendimento hegemônico sintetizado na ideia de que a modernidade é uma sequência linear de evoluções.

Desse modo, apostamos prioritariamente num engenho de caráter interpessoal e artesanal, na compreensão de que estamos tratando do “velho” e do “de sempre”, porém manejado sob e a partir do dinamismo possível mediante relações e condições sócio-históricas e culturais, locais e globais, o que garante ao fazer humano não a constante produção de novidades, mas uma prática de criação cotidiana viabilizada pela confluência de consciência, inconsciência, intuição, repetição, afetividade, autoralidade e múltiplas combinações.

Portanto, interessa-nos falar da comunicação implicada no religioso/espiritual e no simbólico pragmatismo de seu exercício, não na dimensão institucional ou dogmática da religião, ainda que prática, institucionalidade e doutrina sejam elementos entrelaçados na vivência religiosa. A questão é de onde partimos e como abordamos a questão, e o fazemos voltados ao âmbito comunicacional do religioso, produzido pelo fazer cotidiano de seus praticantes (fiéis religiosos).

Entramos nessa discussão mediante o enfoque nas práticas culturais desenvolvidas por participantes das comunidades eclesiais de base (CEBs), modo de ser cristão prioritariamente católico e brasileiro, considerando um amplo espectro cultural latino-americano, expresso por uma espiritualidade sociorreligiosa, chamada ora de “fé e vida”, ora de “fé e política”, e também de “espiritualidade libertadora” (libertação das opressões da marginalização, da violência, do preconceito, da desigualdade social etc.) (Betto, 1981; Beozzo, 2012).

Trata-se de uma espiritualidade que coaduna o plano religioso com o social mais amplo, percebendo sua indissociabilidade, balizada por uma série de mediações sociais, entre elas: a pedagogia popular de matriz freireana; a teologia de corte sociológico, nomeadamente a Teologia da Libertação (TdL); o cristianismo primitivo como forma ideal de exercício religioso comunitário, tendo Jesus por figura histórica revolucionária e ser cósmico/transcendental (Löwy, 1996; Domezi, 2006).

Neste artigo, a reflexão sobre o comunicacional presente no campo religioso tem por lastro uma pesquisa com enfoque na percepção e compreensão do funcionamento da dimensão da comunicação em práticas culturais desenvolvidas por participantes das CEBs em Mato Grosso, no Centro-Oeste brasileiro (Lachowski, 2023).

Ressaltamos que o termo “funcionamento” não tem relação com a leitura funcionalista e necessariamente harmônica da realidade macro da grande sociedade, talvez em escala nacional, porém ocupa-se das práticas culturais a partir de sua concepção e exercício prático, numa perspectiva mais específica e aproximada, propriamente comunitária e em seu trivial cotidiano, ao invés de mencioná-las de forma genérica e idealizadamente integradora, mas antes como formas singularizantes.

Nessa investida teórico-metodológica, procuramos enfatizar a interface entre comunicação e cultura, destacando a simbologia e a ritualidade das práticas culturais. Consideramos essas práticas culturais também como práticas comunicacionais, na medida em que podem ser consideradas práticas de produção de sentido e de vinculação social entre indivíduos nas CEBs, e entre eles e as coletividades, ou seja, a busca e a produção do “em comum” que caracteriza a comunicação em meio às outras áreas do saber.

Dessa maneira, fortalecemos a existência de uma angulação ainda minoritária nos estudos sobre CEBs no Brasil diante de uma trajetória priorizada por pesquisas focadas nas abordagens sociopolítica, teológico-sociológica e da pedagogia popular, panorama que pode ser conferido no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela inserção do termo (entre aspas) “Comunidades Eclesiais de Base”, cujos trabalhos estendem-se de 1987 a 2023¹.

¹ Recuperado de: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>.

Observamos, também, que o enfoque centrado na dimensão comunicacional junto às práticas culturais dos participantes das CEBs (comunicação como cultura) corresponde a uma opção teórico-metodológica ainda pouco presente nos estudos acerca da comunicação nas comunidades eclesiais de base.

Afinal, as pesquisas nessa área destinam-se principalmente à perspectiva modernizadora da produção de meios de comunicação de caráter comunitário, mesmo que alternativos e populares, na perspectiva da comunicação como diálogo.

Ou seja, uma abordagem ainda centrada nas elaborações e construções de discursos verbais e argumentos racionalizadores, o que seria uma condição de inserção das classes populares, nem sempre letradas ou com acesso à educação formal, no moderno ambiente do século XX e na contemporaneidade desse amplo presente que se estende pelo século XXI. É o que inferimos a partir do próprio Catálogo da Capes e de trabalhos como o de Otre (2015).

Assim, ao investir na angulação da comunicação como cultura, ressaltamos uma dimensão historicamente subsumida, diluída, menos relevante e não mencionada nos estudos sobre comunicação e acerca das CEBs no Brasil.

Esperamos, assim, contribuir para ampliar o escopo teórico-metodológico na área da Comunicação e para aprofundar as investigações quanto à dimensão comunicacional no que tange à religiosidade/espiritualidade.

Percurso Teórico-Metodológico

Este artigo corresponde a uma reflexão teórica centrada na dimensão comunicacional no que concerne ao fazer religioso, sob a compreensão de que a comunicação, para aquém e além da comunicação midiática, diz respeito à convivência e coexistência humanas, sendo, no seu sentido positivo, associada a valores sociais e instâncias de socialidade como cooperação, partilha, participação, comunhão, coletividade, mutualidade, comensalidade, tolerância e alteridade, sobretudo mediante relações interpessoais e/ou ambiência de sociabilidade.

Essa concepção é um pressuposto do modelo teórico da comunicação como cultura (Lima, 2001), em que o referido epistemólogo brasileiro assinala comunicação e cultura enquanto fenômenos praticamente idênticos, dada sua equivalência no contexto histórico em que se produzem, simultaneamente, na condição de sistemas de significação (na perspectiva dos estudos de linguagem) e processos simbólicos (no âmbito das pesquisas já nas ciências sociais e humanas).

Desse modo, a comunicação é tida tanto como trivial quanto como atributo/qualidade passível de todo ser humano, já que busca “a compreensão (e não a formulação de leis) das representações e práticas culturais” no âmbito das dinâmicas comunicativas (Lima, 2001, p. 49).

Essa perspectiva pressupõe uma abordagem alternativa e/ou crítica à perspectiva historicamente majoritária dos estudos na área (*mass communication research*), que é balizada pela hegemônica visão transmissiva/difusionista centrada nos modernos meios midiáticos e nos avanços tecnológicos, fundada num padrão de sociedade industrial consumista.

Então, ao optarmos pelo modelo da comunicação como cultura, acabamos por reforçar o entendimento realçado por Lima (2001), de que o campo científico da comunicação se atualiza como multidisciplinar, polifônico e polissêmico, apesar de seus consensos teóricos e encaminhamentos hegemônicos nas instâncias acadêmicas que legitimam algumas correntes de pensamento em detrimento de outras que, em pleno século XXI, ainda precisam justificar sua possível relevância ou potencialidade.

Afinal, a comunidade científica que toma a comunicação enquanto área de estudo constitui, como inúmeras outras, um “campo” como “mundo social”, com suas imposições e solicitações, e relativa independência, nos moldes do que postula Bourdieu (2004). Portanto, é caracterizada por um conjunto de atores sociais, entre eles um grupo heterogêneo de especialistas em um saber específico, identificado academicamente e condicionado politicamente por elementos internos e externos cujo dinamismo regula-se por meio de conformidades, atritos, combinações e inovações geradas no processo do fazer científico (atravessado, em instância epistemológica, por dimensões de diversas outras matrizes da vida acadêmica e da própria vida social de modo mais amplo).

O modelo de estudos da comunicação como cultura constitui o campo comunicacional na medida em que sugere, em instância epistemológica, uma aproximação com as ciências sociais e humanas, num contexto em que a pesquisa passa a considerar não apenas os produtos comunicacionais (notadamente os produtos midiáticos) como foco do interesse de investigação, mas também os processos comunicacionais (notadamente as práticas de produção de linguagem).

Produção de linguagem tinha, ainda como lastro teórico, os aspectos semânticos relacionados à herança legada pela linguística e pela teoria literária, o que considerava e relacionava, de modo relevante, porém restritivo, a comunicação aos produtos e processos de linguagem verbal, e enfaticamente, verbal escrita.

Na primeira metade do século XX, o rádio causou a necessidade de considerar a linguagem verbal em sua condição oral. Porém, a comunicação centrada na linguagem verbal, seja escrita ou oral, ainda considerava, como espécie de fundamento, a capacidade e o desempenho linguístico e a racionalidade do diálogo como condição de prática comunicacional (Gushiken, 2006).

A televisão e o vídeo, já na segunda metade do século XX, introduziram a necessidade de considerar a linguagem visual, além da linguagem verbal (escrita ou oral). O detalhe é que esse espectro midiático da indústria eletroeletrônica direcionou a pesquisa em comunicação para o enfaticamente midiático, ou seja, para uma esfera da modernização socioeconômica e cultural.

Na realidade socioeconômica e política brasileira, porém, uma questão que se apresentava era: o que poderia ser, afinal, comunicação, em contextos de distintas experiências de modernização, nas quais a modernização midiática não

necessariamente equivalia a uma experiência universalizada, na medida em que era atravessada por questões outras, relacionadas a processos de consumo e ideologia?

Por isso, a partir de Lima, na construção teórico-metodológica desta pesquisa, recorremos a dois autores contemporâneos e que nos permitem avançar com a questão: o estadunidense James Carey (2009), com a “visão ritual da comunicação”, e o brasileiro Muniz Sodré (2014), com a proposta epistemológica da “comunicação como ciência do comum”.

Em Carey, comunicação tem equivalência com termos correlatos: comunhão, camaradagem, partilha de sentidos, vida comunitária, o que historicamente se constrange, mas não necessariamente se resume, à modernidade dos contextos midiáticos.

Destacamos, em Carey, a comunicação percebida num viés não midiático, tendo a dimensão comunicacional centrada no espaço cotidiano, sendo a pessoa comum a protagonista do processo comunicativo, viabilizada pelo fazer doméstico, pelo contato entre vizinhos, pelas relações familiares, pela coexistência comunitária, pela segurança daquilo que é comedido, repetitivo e presumível. O autor estadunidense também menciona a relação com a mídia, mas na ritualidade comunicacional do dia a dia, e não de modo isolado ou prioritário.

Em Sodré, ressaltamos o senso de comunicação enquanto vinculação social, em meio a, e ainda aquém e além, da comunicação midiática/midiatização da sociedade, bem como numa concepção de múltiplas linguagens – não só e nem centralmente o registro escrito verbal, mas também os gestos, os sinais, as formas de andar, as maneiras de dançar, os tipos de riso, entre outros – e de múltiplas faculdades – não só e nem centralmente a “razão consciente”, mas também a intuição, a sensação, a emoção, o automatismo, a inconsciência etc.

Pois para o pesquisador brasileiro, comunicação é a instância que organiza o simbólico nas relações humanas, sendo “o sensível que preside às conexões e às trocas”, ou seja, aquilo que é comum entre as pessoas, do efêmero ao duradouro, havendo, para isso, a necessidade de se viabilizar um “outro sistema de inteligibilidade para o processo comunicacional” (Sodré, 2014, pp. 279, 286).

Desse modo, a partir de Lima, suplementado teoricamente com os trabalhos de Carey e de Sodré, compomos uma base conceitual que, a nosso ver, possibilita desenvolver um quadro de pesquisas em comunicação capaz de perceber e interpretar a dinâmica do comunicacional em práticas culturais, mas especificamente no fazer religioso, já sendo essa perspectiva teórica um encaminhamento metodológico, posto que nosso recorte volta-se principalmente ao artesanato das relações interpessoais e suas múltiplas possibilidades de produção de sentido e de vinculação social.

Nesse procedimento teórico-metodológico, buscando construir de modo mais preciso o objeto de pesquisa, interessa à pesquisa neste artigo, balizada pela noção de comunicação como cultura, compreender o que fazem os praticantes de uma religião ou expressão religiosa/espiritual, no exercício de sua religiosidade/espiritualidade, em vez de centrar-se numa linha de estudos que se oriente pelos dogmas de uma doutrina religiosa.

Da mesma maneira, interessa à investigação sobre o comunicacional na prática religiosa saber como fazem e o que fazem os participantes de uma religião ou expressão religiosa/espiritual, buscando acompanhar o movimento ritualístico e organizacional presentes em sua religiosidade/espiritualidade e, dessa maneira, obter uma interpretação mais próxima do que realizam, ao invés de investir num aprofundamento focado no plano da institucionalidade religiosa, o que tende à reprodução de formas idealizadas.

Entendemos que, assim, buscando perceber o comunicacional na prática religiosa, temos condições de “materializar” a dimensão da comunicação no exercício da religiosidade/espiritualidade, descrevendo os modos pelos quais essa instância se apresenta e como isso pode ser interpretado contextualmente.

Essa dimensão comunicacional pode ser observada em práticas culturais que, no espaço simbólico das CEBs, ganham materialidade em aspectos triviais e recorrentes, porém relevantes como condição estruturante da vida comunitária, a exemplo do abraço entre praticantes religiosos (contato físico, sinal de acolhimento e receptividade), da expressividade demonstrada durante o canto (sorrisos, movimentos vibrantes, alto tom de voz, sensação de comunhão com o divino) e da refeição produzida e partilhada coletivamente, que favorece o “estar junto”.

Cabe à pesquisa centrada nesse modelo compreender a dimensão comunicacional no fazer religioso, buscar meios de perceber e externar a manifestação da comunicação nas práticas desenvolvidas pelos praticantes religiosos, o que, a nosso juízo, pode ocorrer com maior efetividade mediante a realização do trabalho de campo, em contato direto com os sujeitos de pesquisa, de modo simultâneo à leitura de literatura científica concernente, num processo de retroalimentação.

Nesse procedimento indutivo-dedutivo, acreditamos que o desenho do objeto de pesquisa, do recorte, do *corpus*, dos objetivos, da metodologia, da coleta/produção e interpretação de dados, além das conclusões, pode atingir, ao longo da investigação, mais altos patamares de maturidade e consolidação.

Trata-se de uma dinâmica científica processual, ou seja, não-linear, que pode ter avanços e retrocessos, desvios e composições, encaminhar-se por meandros e adotar padrões mais seguros, progredir em diferentes ritmos, recorrer à constante revisão de dados, investir em conceitos aplicados e não na reprodução de definições genericamente aceitas, viabilizando um caminho interpretativo singular, autêntico, autoral.

Detalhes Metodológicos da Pesquisa: Etnografia Multissituada e Observação Participante

No caso da pesquisa acerca da dimensão comunicacional em práticas culturais efetuadas por participantes das CEBs em Mato Grosso (Lachowski & Carnahiba, 2021; Lachowski & Gushiken, 2021a; Lachowski & Gushiken, 2021b; Lachowski & Gushiken, 2022; Lachowski, 2023), recorreremos ao método indutivo-dedutivo, investindo no trabalho de campo, sobretudo no contato presencial com os sujeitos da pesquisa – havendo período de acompanhamento online, por conta da pandemia de covid-19.

Quanto ao trabalho de campo em geral, procuramos acompanhar o deslocamento dos sujeitos de pesquisa a partir de sua dinâmica de movimentação, compreendendo as CEBs a partir de um senso prático de comunidade (sociorreligiosa), que se manifesta pelo que faz, inclusive a forma como se organiza e se distribui no exercício de suas ações, e não que se expressa por um lugar fixo (bairro, cidade ou paróquia).

Encontramos na proximidade entre comunicação e antropologia (notadamente a antropologia cultural) uma possibilidade produtiva em termos metodológicos para dar conta dessa complexidade geográfica e simbólica das CEBs, na qual comunidade é tanto uma imagem histórica contemporânea (CEBs dos anos 1960-1980) quanto uma evocação milenar (cristianismo primitivo), e também um continuum (CEBs na atualidade).

E assim, CEB é um termo que designa tanto um grupo religioso de rua ou bairro quanto uma forma sociorreligiosa que se espraia pela participação em atividades de organização institucional da Igreja Católica em geral, em ações internas mais afeitas a sua própria espiritualidade cristã e organização grupal, em amplas campanhas cívicas com entidades da sociedade civil etc.

Essa proximidade entre comunicação (comunicação como cultura) e antropologia (cultural) permitiu avançar ainda um pouco mais no processo de pesquisa pela adoção do método etnográfico como baliza para a coleta/produção e interpretação de dados.

Mais especificamente, optamos pela etnografia multissituada (Marcus, 1995), que concebe a cultura enquanto produção simbólica em circulação constante no espaço-

tempo, em vários lugares, em dinâmica difusa, acompanhando o deslocamento dos sujeitos de pesquisa e não o seu ambiente de acomodação.

Interdisciplinar, contemporânea e pós-colonização europeia, a etnografia multissituada concentra atenção em populações historicamente marginalizadas e na produção cultural subversiva ao hegemônico, postando-se criticamente a macronarrativas e ocupando-se do conhecimento local imerso na dinâmica moderna do local-global.

O método da etnografia multissituada foi operacionalizado por uma observação participante de caráter bastante imersivo, já que um dos pesquisadores que assina o artigo tem uma relação próxima com as CEBs em Mato Grosso, por conta de sua tripla pertença, expressa pelas condições de participante (das CEBs), praticante religioso (católico) e pesquisador (tendo as CEBs como objeto de investigação científica).

Essa situação fez inclusive que, no uso da etnografia multissituada, para viabilizar pesquisa sobre a dimensão comunicacional em práticas culturais das CEBs em Mato Grosso, tivéssemos de recorrer à autoetnografia, metodologia que leva em consideração os dados produzidos pelo pesquisador na experiência de contato com uma instância, empresa ou agremiação social que, posteriormente, torna-se seu objeto de investigação.

Conforme Ellis, Adams e Bochner (2011), a autoetnografia não é uma autobiografia, entretanto corresponde ao exame crítico de dados produzidos pelo pesquisador no contato com uma instância de vínculo social, posteriormente deslocada para a condição de objeto de pesquisa, o que subentende recorrer à própria memória, a anotações, áudios, vídeos, entre outros materiais de cunho pessoal, com o fito de compor com rigor científico o trabalho de pesquisa.

O uso da etnografia multissituada em consonância com a autoetnografia foi operacionalizado pela observação participante, muito em função da proximidade com os sujeitos de pesquisa, o que possibilitou contato mais recorrente e próximo com eles, resultando em uma coleta/produção de dados permeada por uma observação participante de caráter científico e sociorreligioso, e não apenas do caráter científico tradicional.

Nessas condições, logo no início da etapa de coleta/produção de dados, abandonamos a corriqueira técnica da entrevista, comum nas pesquisas em comunicação e também nas investigações que se valem do trabalho de campo, por entendermos que pouco acrescentaria na dinâmica de coleta/produção de dados, pois tratávamos, em meio às CEBs, de engenhosa e multifacetada elaboração cultural que exigia muito mais descrição e interpretação do que um conjunto de respostas.

Assim, mantivemos, intensificamos e aperfeiçoamos o processo de observação participante, compreendendo “observação” como a utilização de todos os sentidos em favor da prática de pesquisa, além de recorrer à dimensão sensorial, subjetiva, afetiva, todo esse aparato posto em função do exercício da investigação científica, viabilizado e complexificado pela tripla pertença ao objeto de estudo (integrante das CEBs, praticante religioso e pesquisador).

Por conta disso, durante o acompanhamento das atividades, ao mesmo tempo que fazíamos anotações no caderno de campo, gravações de áudio e vídeo e registros fotográficos, também nos inseríamos na dinâmica dos demais participantes, rezando, cantando, dançando, silenciando e fazendo comentários sobre leituras bíblicas, primeiro na condição de participante das CEBs (entre 2016 e 2018); depois na condição de pesquisador e participante (de 2019 a 2022); e durante todo esse tempo na condição de praticante religioso.

Sendo assim, o material produzido antes ou a partir do exercício da investigação acadêmica acabou por ser incorporado ao conjunto de dados referente à pesquisa, compondo um amplo elenco de informações, sistematizado a partir da prática da viabilização do caderno de campo.

A criação e manutenção sistematizada do caderno de campo foi fundamental para a etapa seguinte da pesquisa, relativa ao tratamento dos dados, balizada pela descrição densa, que, para Geertz (2017), é sinônimo de etnografia/trabalho etnográfico, estendendo-se da coleta/produção de dados à escrita descrito-interpretativa a partir do material levantado/fabricado pelo pesquisador.

Compreendendo cultura como a base comum pela qual os integrantes de uma sociedade ou grupo social viabilizam sua existência, o autor concebe a descrição densa não como relato de um acontecimento etnografado, mas a viabilização de uma “inscrição”, na medida em que o trabalho de especificação contextualizada quanto ao fenômeno estudado objetiva produzir um grau cada vez mais amplo e singular de inteligibilidade sociocultural, expondo desde os limites da prática interpretativa até a indicação de novas significações (Geertz, 2017, p. 19).

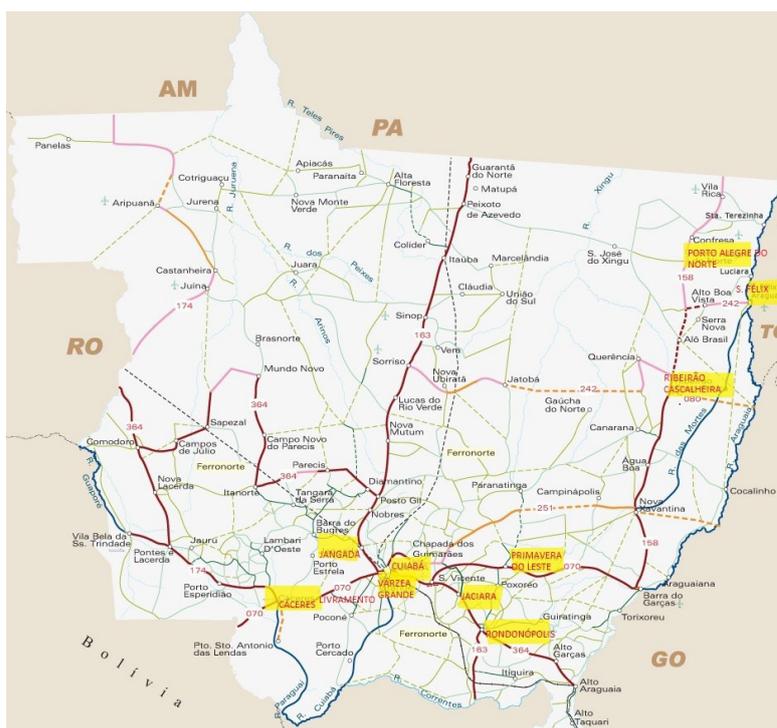
Originários do campo da comunicação e não da antropologia, recorremos à descrição densa mais como um “tipo de esforço intelectual”, descritivo e interpretativo, do que uma “questão de métodos”, acolhendo apontamento do próprio autor (2017, p. 4), para isso recorrendo a um processo que visa “escolher entre as estruturas de significação [...] e determinar sua base social e sua importância”, desenvolvendo o exercício de procurar um “caminho continuamente” (Geertz, 2017, p. 6, 7).

Achado da Pesquisa: O Conceito Aplicado de Dimensão Comunicacional em Práticas Culturais em CEBs

Sob esses parâmetros da comunicação como cultura, a interpretação de dados quanto à dimensão comunicacional em práticas culturais nas CEBs em Mato Grosso esbarrou em dois obstáculos, que foram superados gradativamente, ao passo em que compreendemos que a pesquisa realizada apresentava situações pouco ortodoxas, muito em razão do próprio percurso teórico-metodológico que havíamos escolhido e, portanto, nos requisitava uma postura científica mais flexível e complexa.

E foi o que fizemos. Primeiro, quanto à concepção de corpus de pesquisa, depreendendo que não tratávamos das CEBs *de* Mato Grosso, mas sim das CEBs *em* Mato Grosso, conformada pelo acompanhamento do movimento dos sujeitos de pesquisa pelo estado no desenvolvimento de suas atividades socioreligiosas.

Figura 1 – Mapa de Mato Grosso. Destaque (em amarelo) dos municípios onde se realizou a pesquisa de campo entre 2016 e 2022.



Nota: Lachowski (2023) sobre mapa de Mato Grosso.

Desse modo, chegamos a um corpus composto de dezenas de atividades, observadas e registradas em várias cidades, regiões do estado e unidades administrativas da Igreja Católica. Entre as cidades, a capital Cuiabá, Várzea Grande, Jangada, Rondonópolis, Jaciara, Primavera do Leste, Cáceres, Nossa Senhora do Livramento, Porto Alegre do Norte, São Félix do Araguaia e Ribeirão Cascalheira, espalhadas pelas regiões Sul, Sudeste, Sudoeste, Nordeste e Leste e pelas unidades administrativas da Arquidiocese de Cuiabá, das dioceses de Rondonópolis-Guiratinga, de Primavera do Leste-Paranatinga e de Cáceres e da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Se havíamos conseguido assentar cientificamente a questão do corpus de pesquisa, ainda nos restava melhor conformar a ideia geral, mais uma noção, de “prática cultural”, até então compreendida genericamente como “aquilo que os participantes das CEBs fazem”, sobremaneira no que dizia respeito à sua forma de organização e à sua produção ritualística.

Era fundamental ajustar essa compreensão para poder, também mais especificamente, saber de que se tratava a mencionada “dimensão comunicacional”, que ainda figurava em um plano mais teórico do que aplicado.

E o caminho metodológico foi debruçar-se sobre as atividades desenvolvidas pelos participantes das CEBs em Mato Grosso, principalmente fiéis leigos líderes em suas áreas de atuação sociorreligiosa, porém também algumas irmãs religiosas, alguns padres e bispos, entusiastas e partícipes da espiritualidade Fé e Vida.

Percebemos, então, que precisávamos singularizar o conceito de prática cultural, conforme o âmbito pesquisado, sendo importante avançarmos a partir da ideia genérica de que prática cultural (antes de tudo uma prática social) corresponde a uma ação recorrente que destaca a dimensão material do fazer humano, referente a um grupo, coletivo, povo, etnia, sociedade, o que assegura certo padrão e identidade a uma comunidade humana, sendo assim também uma prática simbólica e, ainda, um saber produzido, apreendido e apropriado.

Recorrendo ao material acompanhado/etnografado, notamos não um conjunto de atividades que poderia ser elencado ao modo de um acervo ou um compêndio, porém uma lista sem fim que não nos permitiu proceder com uma sequência objetiva de definições.

Afinal, uma ação tanto poderia ser o evento inteiro, completo, quanto a programação de várias ações subentendidas no título de um desses eventos. Sendo evento inteiro, poderia ser um encontro, um seminário, uma roda de conversa, um curso de formação, uma celebração natalina, uma romaria martirial, um protesto de rua, uma reunião de planejamento e avaliação de ações, um mutirão de limpeza de espaço sociorreligioso, uma assembleia de lideranças, uma missa, uma celebração ministrada por leigos, uma via sacra, uma caminhada pela paz, entre outros.

Sendo a programação de várias ações subentendidas no título de um desses eventos, poderia atender pela noção de “momento”, como: credenciamento, acolhida, refeição partilhada, animação, apresentação dos participantes, palestra, trabalho em grupo, socialização de conhecimentos, debate, montagem de “altar no chão”, mística espiritual, oração, avisos/informes, formação em roda, articulação com setores religiosos, articulação com movimentos sociais, evocação martirial de lideranças assassinadas por defender causas socioambientais, uso de cancionário próprio, uso da Bíblia, comentários sobre leitura bíblica, dinâmicas de entrosamento e avaliação de ações realizada como momento do próprio encontro.

Ainda assim, subdividindo o conjunto de atividades sem a intenção de esgotá-lo, mas de apresentar um panorama do que cada um dos eventos poderia gerar em seu bojo, notamos que tal procedimento metodológico não dava conta da natureza transversal e rizomática que as ações adquiriam ao serem postas em fluxo pelo funcionamento de uma “atividade macro” (evento) ou de um de seus momentos (micro). Pois um momento, enquanto ação, poderia ser composto de vários outros momentos/ações, ou seja, as práticas culturais, propriamente, como buscaremos descrever a seguir, conforme pesquisa de campo.

Figura 2 – Participantes das CEBs em círculo durante encontro sobre Juventude e Bem Viver ocorrido em maio de 2019 em Cuiabá (MT), no salão da Comunidade Universitária São José Operário, no bairro Dom Aquino.



Nota: Lachowski (2023).

No início de um evento de CEBs, a realização do credenciamento corresponde em geral à inscrição das pessoas que acabam de chegar ao local das atividades, à checagem de nomes e à entrega de kits de participação, podendo fundir-se com o processo de acolhida, sobretudo quando feita de modo informal.

A viabilização da acolhida diz respeito à recepção da equipe organizadora junto aos participantes do encontro/seminário/curso de formação, entre outras atividades, e condiz com as boas-vindas, ocorrendo de maneira informal ou planejada, podendo conter elementos ritualísticos, cantos, entrega de lembranças e outras práticas.

A prática da refeição partilhada (café da manhã, almoço, jantar e lanches) concerne ao exercício de alimentar-se em grupo, em espírito de comensalidade, buscando, por óbvio, saciar a fome, mas também diversificar os modos de socialização entre as pessoas e imprimir certo dinamismo na atividade participada, às vezes cansativa pela sequência de falas e concentração na temática refletida.

A prática de animar o encontro objetiva criar uma ambiência em que os participantes se envolvem de forma dinâmica com o tema proposto, ocorrendo geralmente no início da atividade, a partir do ensaio de músicas, e podendo ser realizada em outros momentos para estimular o entrosamento, diminuir a inibição e intensificar a conexão com a chamada do evento, o que se viabiliza, além dos cantos, mediante dança e gesticulação.

A prática da apresentação dos participantes tenciona fazer com que as pessoas presentes na atividade se identifiquem perante as demais, o que na maioria das vezes ocorre para além da protocolar menção do próprio nome, sendo esse momento também uma ação formativa – na medida em que incentiva uma “apresentação em público” – e, ainda, um meio de entrosamento, talvez um dos primeiros, uma vez que se realiza no começo dos eventos.

A realização de palestras nas CEBs em Mato Grosso é uma das várias formas de socializar conhecimentos pertinentes ao universo socioeclesial/sociorreligioso. Voltadas desde a campanhas cívicas em defesa da paz e do cuidado com a “mãe Terra” até a assuntos mais específicos, como a organização de planos pastorais comunitários e paroquiais, ocorrem tanto com métodos mais transmissivos quanto mais dialogados, sendo comum que o palestrante atue principalmente enquanto propositor de assuntos e facilitador de compreensões.

A viabilização do trabalho em grupo subentende um recurso pedagógico utilizado para melhor compreender um assunto em debate, tanto na forma de um “cochicho”, no curto tempo de alguns minutos, quanto na perspectiva de um estudo, ao longo

de meia hora, uma hora ou mais, tendo sempre a intenção de que os pontos de discussão sejam socializados com as demais pessoas presentes na atividade.

A prática de socialização de conhecimentos ocorre, em geral, em dois tipos de momento durante as atividades das CEBs. Um deles, mais específico, sequencial ao trabalho em grupo, pode se dar a partir da verbalização sintética do que foi debatido, com o apoio de anotações pessoais e/ou registros de palavras-chave em folhas de cartolina. E outro, mais amplo, tido como exercício recorrente e numa perspectiva de partilha constante, no qual as oportunidades de manifestação multiplicam-se ao longo da atividade realizada.

A viabilização do debate nos encontros/seminários/cursos de formação etc. das CEBs em Mato Grosso é bastante comum, possível de ser percebida tanto nas conversas em pequenos grupos quanto nas discussões nas plenárias gerais, o que, para além do tom incisivo e contrastante ou amistoso e cordato, fortalece a ambiência convivial de trabalho coletivo, nos moldes da atuação/formação sociorreligiosa Fé e Vida.

A montagem do “altar no chão” condiz com a viabilização de uma espécie de espaço sagrado presente nas atividades das CEBs, geralmente montado no chão e não num altar, buscando o sentido de aproximação simbólica com o divino, podendo ser formado por inúmeros elementos da liturgia cristã tradicional, do catolicismo popular e do cristianismo progressista (como cruz, Bíblia, vela, imagens de santos, cartilhas de alfabetização política, mudas de plantas e instrumentos musicais).

A prática da mística espiritual corresponde a uma ação sociorreligiosa caracterizada pelo teor ritualístico, responsável por canalizar mais intensamente o tom da espiritualidade libertadora exercitado pelas CEBs, podendo efetivar-se desde a realização de uma oração para iniciar uma atividade até um momento mais extenso composto de uma série de ações, como oração espontânea, procissão de entrada com elementos simbólicos, composição de “altar no chão”, leitura bíblica, comentários sobre a leitura, canto, dança, meditação etc.

A transmissão de avisos e informes é feita geralmente no final das atividades, objetivando socializar informações sobre eventos religiosos e sociais associados à perspectiva pastoral das CEBs, tendo tom de registro e mobilização.

A viabilização da formação em roda/círculo nas CEBs em Mato Grosso subentende um modo de organização entre as pessoas de maneira a aproximá-las fisicamente, criando uma atmosfera tendente ao contato afetivo entre “irmãs e irmãos na fé e na luta social”, propondo ainda uma perspectiva relacional de corte horizontal, alternativa e/ou em contraposição ao enfileiramento de cadeiras e à hierarquização das relações.

A prática da articulação com múltiplos arranjos da sociedade civil e setores religiosos é preponderante no modo de ser das CEBs, explicitando um considerável trânsito cultural junto a movimentos sociais, sindicatos, associações de moradores, grupos de mulheres e de jovens LGBT, irmãs religiosas, padres e bispos progressistas, além do clero conservador e de pastorais religiosas bastante tradicionais, sendo esse contato tanto necessário para viabilizar ações específicas como para exercitar a ampla convivência diária em comunidade.

O “culto aos mártires da caminhada” corresponde à manifestação de respeito e atualização memorial das histórias e feitos de lideranças populares que foram perseguidas e/ou assassinadas por defenderem as causas da mulher, da negritude, dos trabalhadores, da reforma agrária, da infância e juventude, entre outras, ocorrendo mediante múltiplos expedientes, desde o mais genérico, como a colocação de fotografia ou cartaz num “altar no chão”, até o mais específico, completo e complexo, como a realização da “romaria dos mártires da caminhada”.

O uso do cancionário das CEBs funciona como parte integrante da organização sociocultural das atividades, sendo um mecanismo comunicacional utilizado para auxiliar na ambientação espiritual, fortalecer o senso pastoral “fé e vida” e ressaltar a diversidade cultural, na medida em que seu conjunto de cantos é variável tanto

nos gêneros musicais (forró, vaneirão, rock, reggae, guarânia, sertanejo etc.) quanto nas modalidades (religiosa, MPB, regional, entre outras).

A utilização da Bíblia é uma das ações mais recorrentes no funcionamento sociorreligioso das CEBs em Mato Grosso, identificando-as como partícipes do cristianismo e, ao mesmo tempo, distinguindo-as em meio aos vários modos de ser cristão no contexto do cristianismo católico, pelo tipo de uso efetuado, balizado pela “leitura popular da Bíblia”, geralmente sequenciada pela leitura de um texto bíblico e de comentários efetuados pelos participantes da atividade, buscando contextualizar o conteúdo religioso à atualidade social.

Figura 3 – *Mística realizada durante curso de formação em comunicação popular em Rondonópolis (MT), na sede da Comunidade Santa Cruz, matriz da Paróquia Santa Cruz, no bairro Santa Cruz.*



Nota: Lachowski (2023).

Compreendemos, paulatinamente, que o caráter dinâmico e complexo da produção de práticas culturais pelos participantes das CEBs, em muito de suas lideranças mas também de seus participantes mais gerais e/ou eventuais, expressava o dinamismo e a complexidade de seu processo histórico de múltiplas mediações e sua capacidade porosa e inventiva de assimilar e se apropriar de novas e/ou diversificadas formas de ação sociocultural capazes de inserção ou adaptação ao contexto sociorreligioso de matriz Fé e Vida.

Entre as múltiplas mediações, historicamente acumuladas e retrabalhadas pelos participantes – tanto numa condição mais independente, a partir de seu modo de ser cristão, quanto sob um condicionamento institucional mais evidente –, poderíamos citar algumas de caráter teológico, pastoral (popularização ou apropriação do teológico ou do sociorreligioso), sociológico, pedagógico e de vivência sociopolítica e cultural.

Nessa conformação aparecem com destaque: as relações rurais de vizinhança (catolicismo rústico); o trabalho em mutirão (influência dos povos originários e pequenos produtores rurais, tanto brasileiros quanto europeus); o catolicismo popular (culto aos santos, reza comunitária, procissão, quermesse); o cristianismo da libertação e as investidas progressistas da Igreja Católica (juventude católica de esquerda, formação das CEBs, Concílio Vaticano II e Conferências Episcopais Latino-Americanas) (Queiroz, 1968; Teixeira, 1988).

Destacam-se ainda entre essas mediações a educação popular – via Movimento de Educação de Base (MEB) e Movimento de Cultura Popular (MCP) –, a leitura popular da Bíblia, a teologia da libertação e o intercâmbio de experiências com integrantes de partidos políticos progressistas e/ou de esquerda, sindicatos, associações de moradores, ONGs e movimentos sociais (Gohn, 2019).

No que diz respeito ao que denominamos de capacidade porosa e inventiva das CEBs, notamos que tal flexibilidade garante, ao menos no espaço pesquisado, um

evidente senso de atualização, que caminha conjuntamente mas não à reboque das demandas da contemporaneidade, no que concerne à consciência ecológica, à abertura ecumênica (e em parte ao diálogo inter-religioso), aos direitos das mulheres e da população negra, e, gradativamente no que tange à população LGTB etc.

Essas porosidade e inventividade expressam-se, por exemplo, nas celebrações macroecumênicas de 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), quando participantes de CEBs em algumas cidades de Mato Grosso associam-se a praticantes da umbanda e do candomblé, do luteranismo e do anglicanismo, entre outras denominações, para exercitar ritualisticamente um ato memorial para potencializar a luta antirracista e valorizar o empoderamento da população negra.

Também se expressa, para citar mais um exemplo, pelo cultivo de uma leitura ecológica da realidade que vem sendo popularizada pela noção de Bem Viver, ou seja, de uma reinterpretação contemporânea de uma cosmologia milenar andina balizada pelo termo *Sumak Kawsay* (“Vida em Plenitude”, em idioma *kichwa*²), subentendendo interdependência entre natureza, humano, divino e cósmico (Acosta, 2016).

² O povo Kichwa tem habitantes principalmente no Peru, Bolívia, Argentina, Chile, Colômbia e Equador.

Essa capacidade de assimilação e inventividade no processo de viabilização das práticas culturais das CEBs em Mato Grosso, contribuindo com o senso de atualização de seu fazer ritualístico, manifesta-se em grande parte pela regionalização de suas ações, em consonância com uma certa apropriação dos elementos institucionais da Igreja Católica, com vistas a um processo formativo inculturado.

Desse modo, a leitura popularizada do *Sumak Kawsay* mediante a noção de Bem Viver, se tomada como tema de um encontro de CEBs em Mato Grosso, terá lastro não só no discurso ecológico, mas de forma transversal, no conjunto de práticas culturais do evento, a partir do repertório musical, do “altar no chão”, da ambientação do espaço físico, das místicas espirituais etc., referenciando-se nos biomas do Pantanal, Cerrado e Floresta Amazônica, na crítica ao agronegócio e na valorização da agricultura familiar – como ocorreu em 2019³.

³ Referência ao “Encontro de Formação: CEBs, Juventude e Bem Viver”, realizado de 17 a 19 de maio de 2019 em Cuiabá, na Comunidade Universitária São José Operário, sede da Paróquia São José Operário, bairro Dom Aquino.

Sendo assim, distantes da intenção de compor um rol de práticas culturais que contemple amplamente a gama de atividades acompanhadas/etnografadas junto aos participantes das CEBs em Mato Grosso, tanto pela impossibilidade do feito quanto, principalmente, por sua incoerência teórico-metodológica no plano da interface Comunicação/Cultura, ocupamo-nos em listar um conjunto possível e plausível de ações para proceder com o processo descritivo-interpretativo.

Nesse sentido, percebemos, a partir da elaboração de uma conceituação aplicada, que nas CEBs em Mato Grosso uma prática cultural é um conjunto de práticas culturais, podendo ser uma macroatividade (evento completo), um momento ou os momentos constantes da programação de uma macroatividade, ou ainda a combinação dos momentos presentes na macroatividade.

Ainda que haja um grau de previsibilidade na disposição das práticas culturais nas CEBs em Mato Grosso, pelas conhecidas mediações sociais que a constituem historicamente e por sua tendência de atualizar conteúdos e formas sociais pelo expediente da regionalização, esse nível de estabilidade se complexifica com a autonomia de seus participantes – sobretudo em situações menos condicionadas pela institucionalidade religiosa – e pela composição dessas mediações, podendo incidir de diversos modos no fluxo do fazer sociorreligioso.

Além disso, o acompanhamento minucioso, no “plano miúdo” e simbólico da prática cultural, possibilitado pela angulação da comunicação como cultura e pelo trabalho etnográfico, impedem-nos de empreender a composição de um elenco precisamente delimitado e estanque.

Em suma, o que essa plataforma teórico-metodológica nos permite e nos ensina é que, mais do que um método, exercitamos um esforço intelectual, que pode chegar a ser uma produção numericamente exaustiva de práticas culturais existentes numa macroatividade, sendo essa mesma macroatividade também uma prática cultural. Entretanto, não é o volume alcançado que qualificará o desenvolvimento

da investigação, mas sobretudo a descrição e interpretação de como tais ações se “esparrramam” pelo fluxo do fazer sociorreligioso.

Conscientes da complexa fluência no desenvolvimento das práticas culturais empreendidas pelos participantes das CEBs em Mato Grosso, compreendemos que a dimensão comunicacional dessas ações está embutida como núcleo de macroatividade ou mesmo núcleo de cada momento da programação de um evento e, ao mesmo tempo, auxilia nos contornos objetivos e operacionais das ações citadas, expressando a coincidência entre comunicação e cultura pontuada por Lima (2001), de que se tratam de condições de sistema de significação e de processo simbólico.

Assim, a reflexão sobre consciência ecológica objetivada pela remissão ao Bem Viver como tentativa de aproximação junto à filosofia do *Sumak Kawsay* é, a um só tempo, na dimensão comunicacional: um processo de ajustamento temático com vistas à compreensão de um público específico; um manuseio possível nos marcos referenciais da agremiação e de seu histórico de mediações sociais; e uma dinâmica formativa que objetiva qualificar a atuação de praticantes religiosos, reforçando seu “sentido missionário” evocado pela espiritualidade libertadora.

Mas é também oportunidade para fabricar uma composição de práticas que reafirme a amálgama entre os universos religioso e social; reencontrar colegas e amigos e conhecer gente nova; ter acesso a novos conhecimentos, aperfeiçoar o aprendizado, encontrar pessoas com quem se possa partilhar o que se sabe e abrir-se a incertezas; renovar ou fortalecer meios de contato espiritual com o divino mediante a experiência da presença na coletividade; inspirar-se para o trabalho pastoral numa comunidade religiosa pouco afeita à espiritualidade libertadora.

Ainda quanto à dimensão comunicacional em práticas culturais das CEBs, no que tange ao encontro voltado à consciência ecológica, pode ser oportunidade (para os mais velhos) de recordar bons momentos vividos no contexto da militância sociorreligiosa da juventude, com a entoação de cantos simbólicos desse período; e de socializar a indignação com a pouca atitude das comunidades religiosas diante da devastação ambiental, encontrando na acolhida dos participantes o ambiente que não se tem no lugar em que se atua. E assim tantas outras percepções de ordem comunicacional podem ser apresentadas diante do conjunto de práticas culturais desenvolvidas durante o referido encontro.

Mais do que uma leitura aplicada a uma situação específica, o que quisemos mostrar foi que a dimensão comunicacional presente em práticas culturais no âmbito das CEBs em Mato Grosso “aparece” na medida em que: seus contornos são apresentados (temática, encontro, público, programação etc.); procura-se vislumbrar seu núcleo; busca-se compreender o funcionamento desse fluxo no fazer sociorreligioso.

Considerações Finais

As práticas culturais integrantes de CEBs, como observadas em Mato Grosso, buscam viabilizar processos de produção de sentido que estruturam a vida social em comunidade, ou seja, promovem vinculação social.

Mas foi preciso apurar os procedimentos metodológicos, uma vez que essas práticas culturais, na medida em que tenham equivalência com processos de produção de sentido, passam a demandar novos modos de olhar para a interface entre comunicação e cultura.

Além da linguagem verbal, da racionalidade do diálogo e da modernização midiática, a comunicação como cultura, mais que argumentar pela ampliação de um campo, tende a mostrar, nos dados empíricos, que comunicação se confunde com expressão, que paradoxalmente é colocada historicamente abaixo do que se entende enquanto moderno.

Um gesto, um movimento, uma atitude, uma atividade, o que quer que constitua o banal cotidiano, provoca nossa sensorialidade para o que damos conta de observar no micromundo dos significantes e expressividades, o que endossa uma universalidade povoada de singularizações.

Ao nosso ver, o modelo teórico da comunicação como cultura organizado por Lima anuncia um avanço em relação aos outros modelos teóricos que lhe eram contemporâneos na formação do campo comunicacional.

No entanto, consideramos necessário, a partir do desenho epistemológico de Lima, desenvolvido nas últimas décadas do século XX e divulgado formalmente em livro apenas no início do século XXI, ponderar dois aspectos, e talvez possamos dar conta também de ir além com as questões epistemológicas e epistêmicas no campo comunicacional, nos dias de hoje.

O modelo da comunicação como cultura, no século XX, obcecado com as experiências de modernização, promoveu a possibilidade de, mesmo que ainda atrelado à pesquisa midiática, um caminho viável para que o midiático não fosse apenas o resumo das questões comunicacionais.

Conforme a adaptação do modelo teórico, propusemos não uma desconstrução dos estudos midiáticos, mas defendemos que é preciso considerar o comunicacional para além do que a modernização tecnológica e midiática institui como única dimensão do que é ou pode ser comunicação nesta indiscernível paisagem cultural e comunicacional já na terceira década do século XXI.

Em meio à pandemia de covid-19, anunciada mundialmente nos primeiros meses de 2020 e que esteve formalmente nos discursos da saúde pública até meados de 2022, viu-se que a comunicação midiaticizada, embora tenha suas vantagens como discurso modernizador, apresenta; também limites no plano epistemológico.

Nesse entretanto, o estudo das CEBs em Mato Grosso mostrou que o estado não está tão afastado dos grandes centros urbanos e regiões urbanizadas, a ponto de não ser duramente atingido por uma pandemia mundial, nem tão integrado geograficamente ao contexto nacional que não demande aos distintos grupos sociais, sobrevivendo e vivendo nos entremeios dos sertões ou nas franjas de cidades, que inventem seus próprios modos de expressão como condição de estruturação da vida social comunitária.

Compreendemos essas práticas culturais como processos de produção de linguagem e de sentido em comum, ou seja, como dinâmicas comunicacionais que atravessam as práticas culturais, atribuindo à cultura uma condição expressiva e performativa, ou propriamente comunicacional.

Nessa simultaneidade interfacetada pela comunicação e pela cultura, percebemos um vasto campo a ser investigado, nos ritmos e proposições dispostos por seus sujeitos sociais, concebendo esse tipo de fazer humano a partir do que tem de organizacional e ritualístico.

Se a comunicação é a instância de articulação do sensível e a produção do comum entre as pessoas ocorre mediante vinculação social, em meio à midiaticização da sociedade, embora aquém e além dela, como observa Sodré, entendemos ser importante reconhecer a dinâmica de funcionamento do cotidiano como arena cultural e comunicativa, permeada de uma profusão de linguagens e sentidos.

Não significa conceber o cotidiano enquanto ambiência comunicativa em si, mas vislumbrar nele a existência e o funcionamento de uma dimensão comunicacional, sobretudo aquela viabilizada por uma vinculação social pautada principalmente pelo artesanato das relações interpessoais, que se alimenta de um conjunto de recursos “à mão”, operacionalizado pelo intenso uso do corpo como forma de presença, proximidade física e produção de emoções no contexto da coletividade.

Nessa perspectiva, concebemos o exercício do contato corriqueiro entre pessoas, contextualizado num determinado espaço-tempo concreto e simbólico, podendo ser o ambiente de trabalho, de escola, de vizinhança, de circulação na rua, de prática religiosa ou de grupo de amigos, enquanto meio produtor de comunicação, talvez o maior fervilhar de linguagens e sentidos existente no fluxo do fazer humano.

Dar importância a essa dinâmica cotidiana, menos intermediada no plano midiático e mais diretamente partilhada no plano coletivo, pode contribuir para ampliarmos inclusive as noções de interatividade, engajamento, envolvimento e vocábulos similares, tão associados a procedimentos midiáticos e que tomam as pessoas como participantes de uma estrutura tecnológica, e não viabilizadoras ou partícipes de uma ambiência comunicacional.

Estudar comunicação a partir do modelo da comunicação como cultura, tal como propomos, significa centrar a atenção no ser humano enquanto motor do processo comunicacional e acompanhar sua participação na fabricação de uma teia simbólica constituída no contexto específico de uma determinada esfera da realidade – religiosa, por exemplo –, ao mesmo tempo em que é inscrita no transcurso de uma realidade mais ampla, social, que nos abarca a todos, com maior ou menor nível de envolvimento.

Entender o ser humano enquanto motor do processo comunicacional, cuja existência produz uma teia simbólica no fluxo da vida em sociedade, significa também devolver a ele a qualidade de manusear os “materiais” que lhe fazem protagonista do cotidiano como arena comunicativa, sejam eles os objetos utilizados para a realização de um ritual sociorreligioso, sejam eles o conjunto de emoções produzido/sentido no mesmo ritual, manifestado pela expressividade corporal, pela atmosfera amistosa, pela copresencialidade e por níveis sensoriais às vezes bastante íntimos.

Enfim, vislumbrar o cotidiano em nível geral, assim como o cotidiano específico viabilizado pelas inúmeras esferas da realidade, entre elas o produzido pelas práticas culturais em contexto religioso, contribui para revitalizar o conceito de comunicação enquanto processo de fabricação de relações humanas e potencializar a percepção de que a dimensão comunicacional é transversal na tecitura da vida em sociedade.

Referências

- Acosta, A. (2016). *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Autonomia Literária/Elefante.
- Beozzo, J. O. (2012). As CEBs e seus desafios hoje: um olhar sobre a conjuntura e a história. In F. Orofino, S. Coutinho, & S. Rodrigues (Orgs.), *CEBs e os desafios do mundo contemporâneo* (pp. 11-31). Paulus.
- Betto, Frei. (1981). *O que é Comunidade Eclesial de Base*. Brasiliense.
- Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico*. Editora Unesp.
- Carey, J. (2009). *Communication as culture: essays on media and society* (3rd ed.). Routledge.
- Domezi, M. C. (2006). *A Devoção nas CEBs: Entre o Catolicismo Tradicional Popular e a Teologia da Libertação*. (Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1986/1/Tese%20Maria%20Cecilia%20Domezi.pdf>
- Ellis, C., Adams, T. E., & Bochner, A. P. (2011). Autoethnography: an overview. *Forum: Qualitative Social Research*, 12(1). <https://doi.org/10.17169/fqs-12.1.1589>
- Geertz, C. (2017). *A Interpretação das culturas*. LTC.

- Gohn, M. G. (2019). *Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013*. Vozes.
- Gushiken, Y. (2006). Dialogismo: Emergência do pensamento latino-americano em comunicação. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 3(8). <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/81/82>
- Gushiken, Y. (2020). La comunicación como ritual (James Carey) y la folkcomunicación (Luiz Beltrão): modelos teóricos en la interfaz con la cultura. *Luciernaga Comunicación*, 12(23), 10–28. <https://doi.org/10.33571/revistaluciernaga.v12n23a1>
- Lachowski, G. L. (2023). *Dimensão comunicacional em práticas culturais: o modo de ser das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em Mato Grosso*. (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso). https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14017973
- Lachowski, G. L., & Carnahiba, A. P. R. (2021). Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e “Bem Viver”: diálogo, cultura e atualização de utopia. *RCCS - Revista Comunicação, Cultura & Sociedade*, 7(12), 143-163. <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/5218>
- Lachowski, G. L., & Gushiken, Y. (2021a). Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em Mato Grosso/Brasil: Comunicação e práticas culturais. *ALAIC - Associação Latino-Americana de Investigadores de Comunicação*, São Paulo, 20(36), 134-145. <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1728>
- Lachowski, G. L., & Gushiken, Y. (2021b). Comunicação e Cultura nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs): Um estudo de caso no Centro-Oeste do Brasil. *Revista Cultura & Religião*, Chile, XV(2), 225-260. <https://www.revistaculturayreligion.cl/index.php/revistaculturayreligion/article/view/992/703>
- Lachowski, G. L., & Gushiken, Y. (2022). "La muerte ya no mata": Epistemes comunicacionales, culto a los mártires en las CEBs y contradicciones sociales en Brasil. *RAE-IC, Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 9(Especial), 138-165. <http://www.revistaic.eu/index.php/raeic/article/view/392/878>
- Lima, V. A. (2001). *Mídia: teoria e política*. Perseu Abramo.
- Löwy, M. (1996). *A Guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Vozes.
- Marcus, G. E. (1995). Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, 24, 95-117. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>
- Otre, M. A. C. (2015). *A pesquisa acadêmica sobre comunicação popular, alternativa e comunitária no Brasil: análise de dissertações e teses produzidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação entre 1972-2012*. (Tese de Doutorado, Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo). https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2883236#
- Queiroz, M. I. P. (1968). Sociologia – O Catolicismo Rústico no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 5, 104-123. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i5p104-123>
- Sodré, M. (2014). *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Vozes.
- Teixeira, F. L. C. (1988). As CEBs no Brasil: cidadania em processo. In Teixeira et al (Orgs.), *CEBs, cidadania e modernidade: uma análise crítica* (pp. 7-40). Paulinas.